

# O BIBLIOTECÁRIO, A CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS PONDERAÇÕES

**Clarice Fortkamp Caldin** CRB 14/451

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, em 1992. Especialista em Organização e Administração de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, em 1996. Mestre em Literatura – UFSC. Professora do Departamento de Ciência da Informação da UFSC desde 1995.

E-mail: claricef@matrix.com.br

---

## Resumo

*A descoberta da infância proporcionou um tipo de literatura a ela direcionado. Como possui características especiais, enfrenta certo preconceito de alguns literatos. A literatura infantil desenvolveu-se no século XVII, assumiu o compromisso com a pedagogia no século XVIII, foi marcada pelo interesse crescente nos estudos psicanalíticos no final do século XIX e início do século XX e, nos dias atuais, apresenta uma nova proposta estética e cultural. O bibliotecário e a criança podem contar com aliados, os concursos, as feiras e os catálogos de autores na seleção de livros infantis de qualidade.*

## Palavras-chave

*Literatura infantil; Criança*

## THE LIBRARIAN, THE CHILD AND THE CHILDREN LITERATURE: GENERAL ASPECTS

## Abstract

*As childhood is discovered a kind of literature generated to attend it. Some writers were bias to it due to it's special characteristics. The infant literature was developed in century XVII, assumed the commitment with the pedagogy in century XVIII, was marked by the increasing interest in the psychoanalytic studies in the end of century XIX and benning of century XX,*

*and, in the current days, presents a new proposal aesthetic and cultural. The librarian and the child can count with allies like authors catalogue, authors prize in the input's book literature selection.*

## **Keywords**

*Infant literature; Children*

## **1 INTRODUÇÃO**

A biblioteca pública e a biblioteca escolar têm um público específico e garantido: a criança. Usuário com interesses próprios, exige um acervo a ela direcionado. O bibliotecário, preocupado com o caráter informativo e didático do material da biblioteca, relega a segundo plano, algumas vezes, o material de caráter lúdico, indispensável para apurar a sensibilidade estética deste usuário – pequeno em tamanho e grande em exigências.

A avalanche da produção editorial nesse setor dificulta ao bibliotecário realizar a seleção do livro adequado para compor seu acervo, para expor no hall da biblioteca e para montar o “cantinho infantil”.

Dividido entre os clássicos (pois já disseram que os contos de fadas são contos de terror) e os atuais (mostram a realidade), sente-se desconfortável para montar a coleção infantil em sua biblioteca.

Isso é compreensível, pois o pensar literatura infantil vai além da simples avaliação literária, visto se envolver com questões culturais como editoração, venda e consumo.

Questiona-se a possibilidade de a literatura infantil definir-se pelo público que lhe dá o nome. Questiona-se se a sua legitimidade processa-se em virtude de possuir identidade artística ou se a sua legitimidade depende da pedagogia. Questiona-se, ainda, se os conceitos produzidos pelas várias correntes literárias que, de maneira geral, consideram a literatura infantil como um “gênero menor”, são legítimos ou preconceituosos.

## 2 O QUE É, AFINAL, A LITERATURA INFANTIL?

A discussão que sempre surge a respeito da literatura infantil é: ela é uma literatura destinada para as crianças ou uma literatura que interessa às crianças? As palavras de Cecília Meireles (1984, p. 20) elucidam essa questão:

*tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer.*

Assim é que a Literatura destinada ao público infantil deve conter explicações claras e inteligíveis, pois, de acordo com Walter Benjamin (1994, p. 236-237) “a criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas.”

Cumprido lembrar que a literatura infantil pode ser considerada *forma simples*, de que fala Andre Joles (1976), no sentido de um discurso não elaborado ou não erudito. Joles aborda dois tópicos: a disposição mental e o gesto verbal. A disposição mental é a relação do homem com o real. O gesto verbal é sua expressão no discurso. Assim, a literatura infantil é uma forma simples porque o literário apresenta-se numa forma discursiva simples. Nela, a ficcionalidade é permeada de metáforas. O imaginário é o elemento natural da criança e no texto literário infantil são metafóricos o enredo, o tempo, o espaço, a narração e as personagens. Isso se dá em virtude das limitações do domínio do discurso pela criança.

Observa-se que a fórmula *máximo de imaginário no mínimo do discurso*, tem sido utilizada nos textos literários para crianças, o que se configura como uma forma simples, mas, nem por isso “menor”.

De acordo com Philippe Ariès (1981), a descoberta da infância foi um longo caminho a ser percorrido: de homens de tamanho reduzido, as crianças passaram a ser consideradas anjos assexuados, depois seres insignificantes, até adquirirem o *status* de classe etária diferenciada, particularizada e com interesses próprios. Pela iconografia, Ariès atribui a descoberta da infância ao século XIII, e seu desenvolvimento, aos séculos posteriores.

Deve-se à particularização da infância o desenvolvimento de uma literatura a elas direcionada. A burguesia, ao privilegiar a família, preocupou-se com o sentimento da infância e as particularidades das crianças. Assim é que, a literatura essencialmente burguesa do século XIX - a aventura, a ficção científica, o conto de fadas e as fábulas - o transformou no século de ouro da literatura infantil.

### **3 ESBOÇO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL**

Sem pretender historiar a Literatura Infantil, pontuar-se-á aqui e ali algumas informações de sua história. A primeira consideração diz respeito ao caráter mágico e maravilhoso que se confundem com as raízes do conto. De acordo com Marie-Louise von Franz (1990, p. 9), os “contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”. A especialista de fama mundial em contos de fadas registra que tais contos datam de aproximadamente três mil anos, remontando ao Egito, segundo papiros encontrados. Uma das histórias é a dos dois irmãos Anubis e Bata, que apresenta a mesma temática dos contos dos “dois irmãos” que se difundiram nos países europeus (FRANZ, 1990, p. 12). Segunda a Autora, há divergências entre os estudiosos dos contos de fadas: alguns acreditam terem tais contos se originado na Índia e migrado para a Europa e outros crêem serem de origem babilônica, tendo se espalhado pela Ásia Menor e de lá para a Europa. Partindo dessas premissas, cria-se o Centro Folclórico da Escola Finlandesa, cujos representantes afirmam ser “impossível determinar um país

somente onde os contos de fadas teriam se originado e que diferentes contos poderiam provir de diferentes países” (FRANZ, 1990, p. 15). Isso confirma a dinâmica da oralidade apontada por Zumthor (1993).

Não se pode esquecer o fato de que os contos de fadas, predominantes na literatura infantil, sejam clássicos. Tais contos mostram a realidade sócio-econômica da Europa medieval, onde o pobre não consegue ascensão social, a não ser pela interveniência de um poder mágico. Os contos de fadas, conforme relata Robert Darnton (1986), narrados pelos camponeses em torno das lareiras, consistiam num ritual familiar vespertino em que as noites eram muito compridas e precisavam ser preenchidas com algo que fornecesse um escapismo à sua vida dura e medíocre. Cumpre lembrar que eram estrategicamente narrados à noitinha para que ficassem registrados no inconsciente infantil como o último relato do dia, favorecendo a memorização e a fruição. Assim é que tais relatos orais fantasiosos – seja para divertir os adultos, seja para assustar as crianças – histórias acumuladas ao longo das eras, se transmitem pela fala de um contador e são, posteriormente, registradas por escrito.

Como o enfoque, no presente artigo, será dirigido apenas ao mundo ocidental, buscou-se suporte em alguns autores que apresentassem um perfil histórico da literatura infantil no Ocidente. Tais autores (Arroyo, 1990; Carvalho, 1985; Coelho, 1991; Góes, 1984) registram que já no século XVI têm-se textos literários para crianças com contos folclóricos, entre eles o *Gato de Botas*, *A Gata Borralheira* a *Bela Adormecida no Bosque* e a *Branca de Neve*. Acredita-se, contudo, que a literatura infantil tenha desenvolvido-se, realmente, no século XVII, com o conto *Pele de Asno*, saído da tradição oral da época, e que Charles Perrault resgatou do *Pentamerão* do italiano Basile.

Configurou-se o século XVII como o século dos contos maravilhosos, numa versão clássica, que apresentam um final trágico e realista. Perrault é o primeiro compilador de contos maravilhosos a terem como personagens reis e princesas, de conteúdo recreativo, representativo e crítico. Tais contos exprimem as tensões sociais,

apresentam as proibições e concessões da família e da sociedade, representam experiências antigas e encantam as crianças de qualquer época pelo seu simbolismo e magia. Contemporâneo de Perrault, La Fontaine retoma a tradição de Esopo e Fedro, com suas *Fábulas* de cunho satírico. Muito embora tenha ido buscar nos gregos, latinos, medievais, franceses de sua época, na Bíblia e nos contos populares, argumentos para suas *Fábulas*, La Fontaine acrescentou seu estilo próprio e elevou a fábula em verso à categoria de alta poesia, muito embora, em seu tempo, tal gênero fosse considerado “menor”.

Adentrando no século XVIII, a literatura infantil, no espírito do Iluminismo, comprometeu-se com a Pedagogia e a Ética, dentro dos valores da burguesia em ascensão. O didatismo, o moralismo e a doutrinação religiosa indicam a preocupação da época com a iniciação científica, relegando a recreação a um segundo plano. Tal fato se dá porque o reconhecimento da infância ocorre nesse século, quando é atribuído à criança o papel de aprendiz num espaço próprio - a escola - e de quem espera-se determinado comportamento. Assim, escola e literatura unem-se para formar a criança que se transformará no homem que a nova época exige: informado enciclopedicamente. Cumpre lembrar que tais assertivas são válidas apenas para a Europa. O Judaísmo e o Islã sempre tiveram escolas, com professores, horários e matérias definidas.

Na Alemanha, os Irmãos Grimm, com suas personagens populares de histórias coletadas do povo, ao organizarem os textos a partir do relato oral, sem acréscimos ou reduções, marcaram o início do verdadeiro estudo do folclore, na Europa. Na Dinamarca, Hans Christian Andersen transformou, com poesia, o maravilhoso no real e apresentou, com sutileza, não a moralidade, mas a moral, baseando seus contos no folclore e nas vivências de menino pobre. Das literaturas latinas para crianças, a Itália é a que mais refletiu as características do Romantismo. Surgiu *Pinocchio*, de Carlos Lorenzini, que enfatizava o antagonismo entre o Bem e o Mal, mas deixava entrever o livre arbítrio.

Nos fins do século XVIII, com o desenvolvimento da indústria e seus problemas sociais inevitáveis, a literatura apresenta a criança abandonada, que encontra em Andersen seu maior expoente com o conto *A pequena vendedora de fósforos*.

Na Inglaterra, no século XIX, Lewis Carrol marcou a literatura satírico-humorística com *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no Reino do Espelho*. No final do século XIX e começo do século XX, predominou o simbolismo, a sátira, de tendência crítica, na Literatura Infantil, bem representada por Saint-Exupéry em *O Pequeno príncipe*. Nesse entrecruzar de séculos iniciou-se o interesse pela psicologia e retomou-se a preocupação com as crianças, com uma literatura a elas dirigida e sobre a interpretação dos textos literários. Surgiram, também, os estudos psicanalíticos, que concebiam a literatura como uma sublimação dos complexos individuais, tendo a fantasia papel relevante nesse sentido.

E o que dizer da “nossa” literatura infantil? É consenso entre os críticos literários que Monteiro Lobato é o divisor de águas da literatura infantil no Brasil. De Lobato até nossos dias, houve uma grande avanço. Partindo desses pressupostos teóricos, têm-se três fases da literatura infantil brasileira: o período pré-lobatiano – fase precursora (1808-1919); o período lobatiano – fase moderna (anos 20/70), e o período pós-lobatiano – fase pós-moderna (anos 70 até nossos dias). Pode-se dizer que os primórdios da literatura infantil no Brasil apresentam narrativas exemplares, ligadas à escola, baseadas no modelo europeu.

Como produção textual a literatura infantil no Brasil começou com a instalação de tipografias em 1808, depois da chegada da Família Real, quando surgiram os jornais infanto-juvenis, primeira manifestação do brasileiro em leituras para crianças e jovens. A partir de então, com a criação de colégios, apareceram o livro-texto e o livro recreativo, este último sempre em traduções. Nos fins do século XIX apareceram reformadores de ensino, entre eles Rui Barbosa. O ensino tornou-se mais prático e menos cansativo e

buscou, como aliados, as várias modalidades de leituras para crianças; o conto, o folclore, o teatro e a poesia.

Acredita-se que *Contos da Carochinha* tenha sido o primeiro livro para crianças publicado no Brasil, em 1896, consistindo numa coletânea de contos populares, traduzidos e adaptados, de Perrault, Grimm e Andersen, sob a responsabilidade da editora Quaresma, a pioneira em editar livros infantis no nosso país. A coletânea, organizada por Figueiredo Pimentel consta de sessenta e um contos populares, morais e proveitosos. Outras coleções se seguem, tais como *Histórias da Avozinha*, *Histórias da Baratinha*, *Contos de fadas*, *Contos do Tio Alberto* e *Histórias do Arco-da-Velha*. As adaptações de outros escritores brasileiros concentraram-se em obras de mitologia grega, do conto oriental, da epopéia lusitana, de livros célebres franceses, alemães, italianos e do dinamarquês Andersen. De preocupação didática, entretanto, voltados para o ensino primário, têm surgido, desde 1861, livros de grande repercussão no âmbito escolar, como, por exemplo, *O Livro do Povo*, de Antônio Marques Rodrigues; o *Método Abílio*, de Abílio César Rodrigues, Barão de Macaúbas; e *Série Instrutiva*, de Hilário Ribeiro. O regional na Literatura infantil foi apresentado por Thales Castanho de Andrade, com paisagens, hábitos e costumes brasileiros, a partir de 1890. A romancista Júlia Lopes de Almeida escreveu, em 1886, *Contos Infantis*, narrativas em verso e em prosa, de linha nacionalizante e didática. Francisca Júlia, poetisa paulista, publicou em 1899 *O Livro da infância*, adotado pela maioria das escolas oficiais. O século vinte, também no Brasil, trouxe o surgimento das histórias em quadrinhos, em 1905, com o *Tico-Tico*, que perdurou até 1958. As personagens do *Tico-Tico* são originais, engraçadas, nacionais e estrangeiras. Além dos quadrinhos o *Tico-Tico* publicou também textos de Perrault, Grimm e Anderson, Oscar Wilde, Dickens, Humberto de Campos e Josué Montello. Apareceram os livros didáticos e biográficos de Viriato Correia e Renato Sêneca Flleury.

Observa-se que, no início, a literatura para crianças se encontrava mesclada com a literatura para adultos, mas adquiriu



contornos específicos com o Romantismo. No começo, comprometida com o didatismo, foi-se distanciando e criou um novo espaço com textos literários atraentes e lúdicos, mesmo que pontilhados, aqui e ali, com informações utilitárias. Já com Cecília Meireles, a poesia foi apresentada à criança, com a produção de *Ou isto ou aquilo*. E, com *Bola de luz*, Cid Franco inaugurou o humorismo na Literatura infanto-juvenil.

Considerado o maior escritor brasileiro de livros para crianças, Monteiro Lobato conseguiu apresentar a temática da brasilidade com um cunho universalista. Cumpre lembrar que Lobato trabalha o plano da realidade com o plano da fantasia, com personagens atuantes, curiosas, ávidas de conhecimento, integradas ao grupo e sedentas de aventuras. Sua obra tem caráter didático, acompanhando o momento histórico da escrita, mas já apresenta cunho de modernidade. Entretanto, em Lobato, a criança vive num mundo utópico. O sítio protege-a de tudo, até das imposições de pai e mãe, pois a figura adulta é a da avó, uma autoridade democrática. A grande criação de Lobato é Emília, personagem feminina, líder e questionadora.

Nos anos 30 presenciou-se um antagonismo entre realismo e fantasia, em que surgem, paralelamente, os contos maravilhosos e as experiências cotidianas. As histórias em quadrinhos explodiram na década de 40, com heróis importados, configurando-se como uma literatura voltada para os meninos e sua sede de aventuras. As meninas ganharam uma literatura diferenciada, impregnada de romantismo, com as coleções traduzidas de histórias de amor, com moças frágeis, dóceis e gentis. Na década de 50, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 70, com o *boom* da Literatura Infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo. Nos anos 80 e 90, a Literatura Infantil sofreu profundas modificações. De segura, passa a crítica e questionadora. Os textos apresentavam os conflitos entre a

criança e o mundo, o lúdico foi valorizado, e a ilustração ganhou o mesmo espaço que a escritura.

Atualmente, escritores como Ziraldo, Lygia Bojunga, Silvia Orthof, Ruth Rocha e Ana Maria Machado, só para citar alguns, mostram um livro diferente para as crianças, sem o didatismo que sempre caracterizou a Literatura Infantil. Com um apelo lúdico muito forte, apresentam problemas que acontecem no cotidiano da vida infantil. Ao abolir o moralismo pedante, transformam as situações de crise e conflito em situações engraçadas e ternas. É o caso, por exemplo, de Ana Maria Machado e Ruth Rocha, que discutem a relação de poder, de autoridade e das possíveis mudanças dos caminhos políticos.

Pode-se dizer que a década de 90 representou um período de maturidade para a literatura Infantil brasileira, com textos não mais preocupados apenas com os aspectos formativo e informativo, mas também, e, principalmente, apresentando uma proposta estética e cultural.

O que se observa, então, é um outro tipo de literatura, que discute os medos e os questionamentos de adultos e crianças. Entretanto, de acordo com Caldin (2001), não se pode negar que a ideologia esteja presente nos textos infantis – e é a ideologia da classe média. Essa ideologia incorpora seus valores, seu código de ética e sua estética nos textos direcionados à criança.

#### 4 CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL

Ao abordar a problemática da criação literária. Nelly Novaes Coelho (1995) lista cinco tópicos: a consciência do poder da palavra – e a preocupação dos autores com o *como narrar*; o confronto entre o pensamento racional e o pensamento mágico; a percepção da crise das instituições e valores com a busca das nossas origens; a redescoberta do livro e da leitura; e a mudança do paradigma do conhecimento. Para Coelho, em que pesem todos os problemas associados à literatura infantil, os textos literários direcionados à

criança já perderam a sisudez de outrora e se apresentam prazerosos, cheios de humor e de questionamentos que agradam a esse público tão específico.

Cecília Meireles (1984) já havia apontado algumas características da Literatura Infantil. A primeira delas seria a redação escrita das tradições orais, como Perrault, Grimm, La Fontaine e outros registraram. Excluindo os Irmãos Grimm, que não alteraram os contos, todos os outros autores fizeram acréscimos, reduções ou enfeites na história original. A segunda, seria o texto escrito para uma determinada criança que, depois, passou a uso geral. A terceira, os textos escritos inicialmente para adultos com adaptações posteriores para o público infantil. Como quarta característica, têm-se textos escritos especialmente para crianças.

Pode-se dizer que a literatura infantil apresenta uma estrutura menos complexa do que a Literatura para adultos, pois utiliza a narrativa estrutura linear, tempo cronológico e personagens planas.

Assim é que a narrativa para interessar à criança deve evitar descrições longas, utilizar o discurso direto, conter um diálogo envolvente com personagens sem complexidades e apresentar um final feliz. A literatura infantil, um gênero tido como “menor”, fruto da cultura oral, legitima-se na escritura e constrói seu espaço, seu discurso, sua teoria. Segundo Walter Benjamin (1984, p. 50), o principal crítico é a criança, pois ela “exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’”. Muito menos aquilo que o adulto concebe por tal”. Dessa forma, a exigência por um texto de qualidade passa pelo crivo da própria criança. Mas, a criança conta com aliados nessa tarefa.

## **5 ALIADOS DA CRIANÇA E DO BIBLIOTECÁRIO NA SELEÇÃO DE LIVROS INFANTIS**

O primeiro dos aliados são os concursos literários nacionais e internacionais que fazem uma seleção confiável para o público-leitor. Têm-se, por exemplo, para obras inéditas, inscritas sob pseudônimo,

o *Prêmio João de Barro*, promovido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; o *Prêmio Minas de Cultura*, o concurso de histórias Infantis do Paraná; e o *Prêmio Carioquinha*. Para obras já publicadas, têm-se o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro; o *Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*, o *Prêmio Nestlé*; o *Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte* e o *Prêmio Adolfo Aizen* da União Brasileira de Escritores (CUNHA, 1998, p. 51-70).

O segundo, são as feiras nacionais e internacionais. Por exemplo, foi lançado em 1997, na feira de Bolonha, o *Prêmio Monteiro Lobato* para a melhor publicação de autores brasileiros de literaturas Infantil e Juvenil em língua estrangeira (THE BRAZILIAN BOOK MAGAZINE, 1998).

Como terceiro aliado, têm-se os catálogos de autores, como por exemplo, *The Brazilian Book Magazine*, organizado pela Fundação Nacional do Livro infantil e Juvenil – FNLIJ. Tal catálogo bilíngüe português e inglês contém a análise e a seleção dos melhores livros produzidos no Brasil, em seis categorias: criança, jovem, imagem, poesia, informativo e traduções. O catálogo é útil tanto para os editores estrangeiros quanto para pais, bibliotecários e mestres brasileiros conhecerem a nossa produção anual. Cumpre lembrar que a FNLIJ, fundada em 1968, é uma entidade sem fins lucrativos, criada para estimular crianças e jovens ao prazer de ler, incrementar a produção literária de qualidade e preparar recursos humanos para atuar nessa área. Constitui-se em uma instituição pioneira no Brasil na promoção da leitura e da divulgação do livro infantil de qualidade. A FNLIJ é a seção brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY, órgão consultivo da UNESCO para o livro infantil e juvenil (CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, 1989).

A aliança com o dispositivo legal que institucionaliza a literatura Infantil na escola constitui-se em outro aliado. Verifica-se, ainda, desde a lei número 5.692, de 1971, que traz nos seus dispositivos o incentivo à leitura de autores nacionais, haver um

aumento, no primeiro grau, na leitura de autores brasileiros de literatura infantil. Entretanto, a leitura de textos literários infantis, patrocinada pela escola, é uma prática planejada e dirigida. As teorias literárias prevêm a solidão, a individualidade e a gratuidade da leitura. Na escola, rompe-se esse padrão. A leitura é coletiva, imposta, conduzida. Os critérios que levam a instituição escolar a adotar, ou não, determinados tipos de textos como literários, estão sempre relacionados com as mudanças políticas, sociais e econômicas.

Segundo Caldin (2001) um outro filtro da qualidade literária dos textos direcionados à criança é a crítica literária de teóricos que apreciam a literatura infantil. Com a mudança de valores na sociedade contemporânea e a reivindicação dos direitos dos setores desvalorizados, é reavaliada a literatura infantil. Assim sendo, vê-se uma investigação e uma reflexão crescentes em torno da literatura para a criança. Muito embora Maria da Glória Bordini (1985, p. 44-53) condene a falta de amplitude teórica de alguns críticos e a deficiência analítica que tem levado à proliferação de textos infantis de baixa qualidade, a verdade é que cada vez mais críticos se preocupam com a Literatura Infantil e lutam para tirar o estigma de “gênero menor”.

Reconhece-se que a crítica não pode ser exercida sem uma fundamentação teórica que permita ordenar os procedimentos analíticos. A esse respeito, o escritor e crítico cubano Joel Franz Rosell (1989, p. 27-33) assinala que a crítica apareceu na Europa no século XVII, mas a crítica literária da produção de textos para crianças surgiu apenas depois da segunda guerra mundial. Esse atraso cronológico, para Rosell, tem causado, em parte, a marginalização da Literatura Infantil.

## 6 PRECONCEITOS ACERCA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil enfrenta problemas de legitimação porque persistem o preconceito e a indiferença de muitos críticos literários da chamada “Alta Literatura”. É considerada, por alguns, apenas um problema mercadológico, uma insensibilidade total à criação artística em que conta somente a questão do mercado, a tiragem, o preço da obra e o leitor. Como a literatura infantil tem um público específico e receptivo, há todo um capricho editorial na elaboração de textos para crianças. A boa diagramação e ilustrações atraentes, contudo, não desmerecem o texto, antes, conferem-lhe parceria. Se, nos últimos dez anos a indústria editorial aperfeiçoou seu produto, apresentando edições bem cuidadas, lembra Caldin (2001) que os autores brasileiros, a partir da década de setenta e num contínuo até nossos dias, têm mostrado preocupação com textos de qualidade. Prova disso é a inclusão de duas escritoras brasileiras de Literatura Infantil no internacional *Prêmio Hans Christian Anderson*, o Nobel da literatura para crianças e jovens: em 1982, Lygia Bojunga Nunes e em 2000, Ana Maria Machado.

O enfrentamento de um certo preconceito pode ser visto pelo fato de imbricar-se com a literatura popular, por ter nascido na tradição oral; ser considerada literatura de massa por se constituir em produto altamente vendável; e encontrar-se ligada à pedagogia que privilegia a função utilitária em detrimento da função estética. Assim, a literatura infantil é considerada um “gênero menor”, tido por alguns como cultura de massa e, por outros, como cultura popular.

Cabe aqui lembrar existir uma controvérsia entre o que é cultura de massa e cultura popular. De acordo com Ecléa Bosi (1996), poder-se-ia dizer que cultura de massa é a cultura *para* a massa, e cultura popular, a cultura *da* massa. Dessa forma, a cultura popular é criada pelo povo e expressa-se em cantos populares, folclore, adivinhas, passatempos e contos infantis. O que separa a cultura popular da indústria cultural é o componente lúdico aliado ao

ato estético, que a transforma em manifestação artística. A cultura de massa substitui o folclore e a cultura erudita, sendo impingida ao povo como produto de mercado, cuja única base é a mercantil.

O que acontece é que, inserida no mercado e presa à pedagogia, a Literatura Infantil enfrenta preconceitos entre os literatos que não percebem os textos da chamada “geração realista”, escritos que apontam a realidade atual com seus problemas sociais, políticos e econômicos, mas sempre sob uma óptica da fantasia, do mágico e do lúdico.

Se for verdade que todos os homens são filósofos e intelectuais, a criança é um filósofo e um intelectual em formação. Por esse motivo, o texto literário deve proporcionar a criação de um senso crítico. O ideal seria transitar do real para o maravilhoso, não se restringir à fuga do mágico dos contos de fadas, nem no extremo oposto que é a realidade nua e crua.

O texto deve partir do contexto cultural da criança, mesclado com o maravilhoso que existe na consciência da criança, ou como bem disse Sérgio Caparelli (1991, p. 65), “cerzir o manto mágico com a linha do real”.

## 7 CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Observa-se que a nova linguagem dos textos literários infantis é questionadora, estimulante e lúdica e envolve a criança com o livro. Tal envolvimento age como um neutralizador das influências que a visualização e o caráter fragmentário dos meios de comunicação de massa exercem sobre a mente infantil. Ao fundir fantasia e real, quebra as fronteiras entre o insólito e o convencional. Esse hibridismo literário, que, no fundo, busca a identidade cultural do brasileiro e denota a prevalência do lúdico, insere-se na linha do realismo mágico inaugurada por Monteiro Lobato.

O discurso literário destinado à mente infantil pretende cativar o leitor por um procedimento em que o foco da narração baseia-se tanto no verbal quanto no visual e recupera na linguagem a tradição

da oralidade. Esse padrão narrativo fundado na oralidade permite o uso de gíria, trocadilhos, expressões coloquiais, enunciados simples e repetitivos, cadência rítmica e a informalidade na escrita, característicos dos novos textos literários infantis. O narrador dialoga constantemente com o leitor, envolvendo-o na narrativa e concedendo-lhe interferências e possibilidade de ampliação do sentido do texto.

Se a exigência do mercado editorial compromete a qualidade literária de alguns textos, há, contudo, a preocupação de muitos autores em produzir textos que se configurem como arte, como literatura, compromissando-se com a criatividade e a originalidade.

O bibliotecário de biblioteca pública e escolar é o agente ideal para mediar literatura e criança, posto que, mais que um técnico, é um educador. Ao despertar o gosto pela leitura na criança, apura sua sensibilidade estética e contribui para a difusão da literatura infantil.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. *História da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BENJAMIN, Walter. Livros antigos e esquecidos. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BORDINI, Maria da Glória. A crítica da literatura infantil: uma questão problemática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 1985, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: FNLIJ/UFF, 1985.



BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

THE BRAZILIAN BOOK MAGAZINE. Rio de Janeiro: National Library Foundation. National Book Dept., 1998. Periódicidade irregular.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças*. 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CAPARELLI, Sérgio. A literatura infantil e o processo de comunicação. In: RÖSING, Tânia Marisa K.; AGUIAR, Vera Teixeira. *Jornadas literárias: o razer do diálogo entre autores e leitores*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo/ Universidade de Passo Fundo, 1991.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4.ed. São Paulo: Global, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. ampl. São Paulo: Ed.USP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4.ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, 3., 1989, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: FNLIJ, 1989.

CUNHA, Léo. Literatura infantil e juvenil. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amarante (Org.). *Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Escola de biblioteconomia da UFMG, 1998.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho, Rio de Janeiro: Grral, 1986.

FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. Tradução de Maria Elci S. Barbosa. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

JOLES, André. *Formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSELL, Joel Franz. A crítica da literatura infantil: problemas e propostas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 3., 1989, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: FNLIJ, 1989.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.